

24-10-2022

PAKATO

Aline de Fátima Marques

[Doutoranda UFJ (Universidade Federal de Jataí) – Grupo Dona Alzira]

No ano de 2008, quando trabalhei numa agência bancária na cidade de Mossâmedes, interior de Goiás, conheci um sujeito de meia idade.

Ele se apresentava simples, gentil e com jeito pacato. Ninguém sabia e ainda não sabe nada a seu respeito. O que se sabe até o momento, é que ele andarihou por diversos lugares antes de fixar-se em Mossâmedes. Pakato é um homem de baixa estatura, não mais que 1,55 m de altura. Um pouco magro. Seus cabelos negros, lisos e volumosos, brilham como a cor de seus olhos, que parecem duas jabuticabas robustas. Sua pele é clara, sem marcas do sol.

Anda levemente encurvado olhando o chão com a curiosidade inocente de uma criança. Eleva, com frequência, o olhar de baixo para cima, de um lado para o outro. Parece que quer escapar das circunstâncias, do lugar, do mundo. Os seus movimentos são lentos como se fossem calculados; anda com passos arrastados e com olhar profundo e interrogativo de um viajante. Pakato é um viajante.

Os moradores da cidade, com fama de acolhedores, lhe receberam com respeito, deram-lhe abrigo, comida, roupas limpas e salário.

A Assistência Social Municipal assumiu a responsabilidade pelo seu bem-estar. Ninguém sabe nada sobre a sua origem. Não sabe se Ele tem família e quem são seus familiares. A população mossamedina lhe nomeou “Pakato”. O seu jeito tranquilo, paciente e pacífico, a bondade estampada nos gestos, a total aversão a qualquer moda, estilo ou maneira burocrática e narcísica, fundamentaram a criação coletiva de sua designação: Pakato. Todos gostavam de sua pessoa e de sua presença. Todos os dias quando eu chegava na agência para trabalhar, lá estava o Pakato a me esperar. Educado, prestativo, de banho tomado, penteado, cheiroso e uniformizado, a sua aparição era um sinal do meu despertamento no dia; de meu pertencimento humano e de minha vontade de amar. Pakato era, simbolicamente, um dos guardas do Banco. Seu uniforme era verde-camuflado ao modo da indumentária do exército. Como e onde conseguiu o uniforme, não se sabe. Ele sempre aparecia com o uniforme muito limpinho. Comportava-se com elegância. Antes de chegar ao prédio da agência bancária, fazia plantões todos os dias na porta da “cadeia” (termo usado naquela época), como se fosse um dos policiais que ali trabalhava. Ele tinha livre acesso e bom relacionamento tanto com os policiais quanto com os presidiários.

Pakato conquistou a confiança de todos, ao ponto de substituir dentro da cadeia (atualmente é um presídio), os policiais em caso de ocorrências urgentes. A cadeia de Mossâmedes apresentava características de prisões de filmes de faroeste.

Pakato não faltava um dia sequer de trabalho, se dedicava com amor para compensar os cuidados que recebia da população.

Se apresentava solícito e com sorriso pacificador no rosto.

Pakato não falava, somente balbuciava, pois, possuía deficiência na fala. Ele construiu seus próprios códigos e sinais de comunicação, não os sinais de Libras, mas seus próprios. Inventou um alfabeto gestual compreendido coletivamente na cidade, compreensão, aliás, não verbalizada. As pessoas o compreendiam e compreendendo-o bastava. Tive curiosidades no decorrer do tempo sobre o Pakato: Onde nasceu? Quem são seus pais? Tem filhos? Já se casou? Foi militar algum dia? Quais são seus traumas? Será que perdeu a memória? Por que não fala? Pode ser um espião? Está fugindo de alguém? Como foi parar em Mossâmedes-GO?

Depois de algum tempo de trabalho, pedi contas na agência bancária para trabalhar em outros postos laborais. Recentemente, passeando pela mesma cidade, por acaso vi o Pakato sentado na porta de uma casa lotérica. Parei, o cumprimentei e vi em seus olhos a alegria ao me rever. Me fez várias perguntas com gestos, respondi algumas.

Por coincidência, ao ir embora ouvi a música “Pacato Cidadão” (Samuel Rosa e Chico Amaral). Me lembrei novamente do Pakato. Ele não vota. Lamentei pelo Pakato não poder exercer o seu direito de votar. Ele não se opõe a isso, aceita a vida do jeito que se estabelece. Pois bem! A atual situação política do país parece não incomodar o Pakato e também uma considerável parte dos brasileiros que se comporta indiferentemente, especialmente os que fecham os olhos às ações fascistas e partidárias do atual governo.

Pus-me a pensar sobre as pessoas de jeito apático, indiferentes à luta de classes e ignorantes às questões políticas, sobre os pacatos cidadãos brasileiros que, inebriados, alienados, rendidos, fecham os olhos ao crescimento do fascismo no Brasil. Projeto que se desenha desde 2012, seguindo orientação da extrema direita no mundo.

Os cidadãos brasileiros que vivem de jeito apático, sem questionar e sem reclamar, ignoram os assuntos sociais e políticos, como se fossem restritos somente aos governantes. Pior que isso: se unem aos nefastos fascistas usando a mesma frase nazifascista: “Deus, pátria e família”, lema e discurso de Hitler (Partido Nazista, Alemanha-1933), também eleito pelo povo.

Pakato não vota. Está aí distribuindo gestos afáveis, lutando pela vida, doando seu tempo aos que dele se aproximam conforme os desígnios de sua cabeça, de sua emoção e de seu corpo. Possui uma honestidade vital. Toma partido da bondade, inspiração para todos que não querem a maldade dos ditadores, dos fascistas, dos nazistas e dos que, com sarcasmo e sadismo, gozam os pobres, os negros, os povos indígenas e todos que apenas querem viver com dignidade, com simplicidade, com discrição, como Pakato.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.